AUTOEFICÁCIA EM AMAMENTAR DE MULHERES AFRICANAS RESIDENTES NO BRASIL

Bruno De Melo Do Nascimento[1]
Daniela Raulino Cavalcante[2]
Anne Fayma Lopes Chaves[3]

RESUMO

Objetivo: Avaliar a autoeficácia em amamentar de estudantes africanas residentes no Brasil. **Método:** Trata-se de uma pesquisa exploratória, com abordagem quantitativa realizada no período de novembro de 2020 a abril de 2021 de modo on-line. A população do estudo foi composta por alunas africanas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira que residem no Brasil e estavam amamentando. Inicialmente a universidade cedeu os dados das alunas que estavam em licença maternidade, no entanto, devido às dificuldades de contato, também se utilizou a amostragem do tipo bola de neve. As alunas foram contactadas através do aplicativo Whatsapp com disponibilização de formulário Documentos do Google. Foi aplicado um formulário o qual continha dados sociodemográficos e obstétricos e a escala Breastfeeding Self-Efficacy Scale - Short Form para avaliar a autoeficácia em amamentar. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com número do parecer 4.016.122. **Resultados:** A amostra foi composta por 10 alunas africanas, a idade variou entre 24 e 30 anos. A maioria não planejou a gravidez, mas realizou pré-natal. Nenhuma discente apresentou baixa autoeficácia. Todas as discentes receberam incentivo para amamentar, sendo o enfermeiro o profissional que se destacou entre os profissionais que motivaram essa prática. Foi visto que quatro mães apresentaram média autoeficácia em amamentar com escores que variaram de 33 a 51 pontos, e 6 apresentaram elevada autoeficácia em amamentar com escores variando de 52 a 70. **Conclusão:** Constatou-se que os índices de autoeficácia foram satisfatórios, sendo importante a atuação dos profissionais durante todo o ciclo gravídico puerperal no intuito de manter essa confiança.

Palavras-chave: afrodescendentes; aleitamento materno; autoeficácia; período pós-parto.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de ciências da saúde, Discente, brunounilab@gmail.com[1]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de ciências da saúde, Discente, danniraulino@gmail.com[2]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de ciências da saúde, Docente, annefayma@unilab.edu.br[3]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno (AM) promove um significativo impacto na promoção da saúde integral do binômio mãe-bebê, uma vez que, é uma estratégia natural de afeto, proteção, nutrição, além de ser econômico e eficaz para a redução da morbimortalidade infantil (BRASIL, 2015). Está disponível e acessível prontamente, além disso, o aleitamento materno exclusivo (AME) está intimamente ligado a um método natural de controle da natalidade. Já para a mãe, previne determinados tipos de câncer, evita nova gravidez, menos custos financeiros e fortalece o vínculo afetivo com o filho (NUNES, 2015; VICTORA et al., 2016; BRASIL, 2015).

Apesar desses benefícios, a taxa de AME em menores de seis meses a nível mundial corresponde a 39% e a continuidade do AM até os dois anos de idade em 49%. No Brasil, a situação é bem semelhante, com a prevalência do AME em menores de seis meses correspondente a 41%, no entanto, no que se refere a amamentação continuada até os dois anos, a taxa é de apenas 26% (UNICEF, 2016). Na realidade da África, a situação difere um pouco quando comparada ao Brasil, na qual a prevalência do AME em menores de seis meses é de apenas 32%, sendo motivo preocupante tendo em vista que AM contribui significativamente para a realização de alguns objetivos do país, tais como: redução da fome, da pobreza, da mortalidade infantil e mortalidade materna (UNICEF, 2009; MIRIONE, 2015).

Diversos fatores interferem na prática da amamentação e promovem o desmame precoce, destacando-se dentre eles: baixo nível de escolaridade da mãe, crença no leite fraco/insuficiente, falta de incentivo a prática do AME por parte dos profissionais de saúde, falta de conhecimento da mãe sobre AM, uso de chupeta, retorno ao trabalho ou estudo, problemas mamários e a baixa autoeficácia em amamentar (ORIÁ, XIMENES, 2010; LIMA, NASCIMENTO, MARTINS, 2018).

A autoeficácia baseia-se na habilidade pessoal de desenvolver, com êxito, determinadas tarefas ou comportamentos que proporcionem um resultado desejável (BANDURA, 1977). No que se refere a prática do AM, a autoeficácia é um dos critérios que pode influenciar a mãe, baseando-se na sua expectativa relacionada à habilidade e conhecimento para amamentar seu filho com sucesso (ROCHA et al., 2018). Desse modo, o objetivo da pesquisa foi avaliar a autoeficácia em amamentar de alunas africanas residentes no Brasil.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória, quantitativa, realizada no período de novembro de 2020 a abril de 2021 de modo on-line. A população do estudo foi composta por alunas africanas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Os critérios adotados para inclusão no estudo foram: estar residindo no Brasil e estar amamentando. Como critérios de exclusão considerou-se: não atender as ligações após três tentativas em dias e horários distintos ou que a chamada telefônica apresente o celular desligado e que estivessem com problemas cognitivos/mentais que as impossibilitem de responder os instrumentos da pesquisa.

Inicialmente, os dados das alunas foram coletados junto à Coordenação de Assistência à Saúde Estudantil (COASE) da Universidade, visando identificar as alunas que pediram regime especial e registrar o contato telefônico. No entanto, diante da dificuldade em contactar as alunas africanas, foi utilizado também a amostragem do tipo bola de neve. Assim, a amostra final foi composta por 10 discentes que estavam amamentando.

Mediante os dados coletados, foi realizado uma ligação telefônica para as alunas, sendo explicado os objetivos e benefícios da pesquisa, e após aceite em participar, foi enviado via aplicativo Whatsapp o formulário Documentos do Google, que criado pelos pesquisadores, este continha dados sociodemográficos e

ISSN: 2447-6161

obstétricos e a Breastfeeding Self Efficacy Scale – Short Form (BSES-SF).

A BSES-SF é um instrumento composto por 14 itens, cujo padrão de resposta varia de um 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), podendo os escores totais da escala variar de 14 a 70 pontos, onde, quanto maior a pontuação, maior a confiança. A classificação se dá da seguinte maneira: baixa eficácia: 14 a 32; média eficácia: 33 a 51 pontos e alta eficácia: 52 a 70 pontos (DODT et al., 2012).

Os dados foram analisados por meio do pacote estatístico IBM - SPSS 22.0 e apresentados por meio de gráficos e tabelas. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética Pesquisa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, número de parecer 4.016.122.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 10 puérperas que estavam amamentando, as quais apresentaram faixa etária variando de 24 a 30 anos, com média de 26,5 anos (DP: ±1,8). Com relação à paridade, nove puérperas eram primíparas e uma multípara. Quando questionadas em relação aos dados da gravidez atual/parto/puerpério, foi visto que a maioria das gestações não foi planejada (8). Esse dado deve ser tratado com maior atenção tendo em vista que mães que tiveram uma gravidez indesejada realizaram com menor frequência o ato de amamentar. Além disso, também iniciam as consultas de pré-natal em um período mais tardio (DA ROCHA et al., 2018).

Todas as discentes receberam incentivo para amamentar, sendo o enfermeiro o profissional que mais incentivou a prática (5). O estabelecimento de vínculos com a equipe de enfermagem durante as consultas de pré-natal favorece a melhora nos cuidados, já que o enfermeiro é considerado o profissional primordial para um bom andamento da amamentação (SARDINHA et al., 2019).

Em relação ao tipo de parto, foi visto que seis discentes pariram por via vaginal. Outrossim, resultados de uma pesquisa apontaram que a amamentação durante a primeira hora de vida do bebê estava diretamente relacionada com a via de parto. Foi visto que quase 80% das mães que faziam parte do grupo de parto vaginal conseguiram amamentar na primeira hora, em contrapartida, apenas 69,53% das que faziam parte do grupo de cirurgia cesárea conseguiram realizar o ato (ARRUDA et al., 2018).

Quando interrogadas sobre a realização da hora ouro, seis mães relataram ter colocado o recém-nascido no peito imediatamente após o parto. A ocorrência precoce desse momento pode reduzir os índices de mortalidade em recém-nascidos (RAMIRO et al., 2021). Um dado positivo visto nesta pesquisa foi que a maioria das discentes (7) estava praticando o AME.

O gráfico 1 apresenta o desfecho da pesquisa, sendo mostrado a autoeficácia em amamentar das alunas africanas.

A maioria das discentes apresentou elevada autoeficácia em amamentar (6), com escores variando de 52 a 70 pontos na escala. Apenas quatro discentes apresentaram média autoeficácia em amamentar, com escores que variaram de 33 a 51 pontos. A confiança no AM manifesta-se através da convicção ou das expectativas de que a mulher dispõe de habilidades e sabedoria satisfatórias para amamentar o bebê com sucesso (FREITAS et al., 2017). Conseguinte a isso, pesquisa realizada no sudoeste do Maranhão com puérperas, que utilizou o mesmo instrumento de coleta de dados deste estudo, também apresentou elevada e média autoeficácia na amostra.

Destaca-se que no cenário africano, estudo realizado em Moçambique apontou a baixa prevalência e duração do AME no país, com níveis abaixo das metas estabelecidas pelas políticas de saúde (MECUPA, 2020). Assim, vale frisar a importância de realizar atividades de educação em saúde que instruam as mães a respeito da prática do AM e que aprimorem suas habilidades, considerando que um dos principais fatores

ISSN: 2447-6161

relacionados à duração do AME é a autoeficácia em amamentar de mães (ROCHA et al., 2018).

CONCLUSÕES

Constatou-se que os índices de autoeficácia em amamentar entre as alunas africanas foram satisfatórios, sendo importante a atuação profissional durante todo o ciclo gravídico puerperal para manter essa confiança.

AGRADECIMENTOS

Ao PIBIC-UNILAB, meus sinceros agradecimentos por incentivar a iniciação científica e garantir avanços significativos no cenário de pesquisa atual. Gratidão à minha orientadora, Profa. Drª Anne Fayma Lopes Chaves, por todo o apoio e incentivo.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Guilherme Tavares de et al. Existe relação da via de parto com a amamentação na primeira hora de vida? **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 1-7, 22 jun. 2018. Fundação Edson Queiroz. http://dx.doi.org/10.5020/18061230.2018.7321.

BANDURA, Albert. **Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change.** Psychological review, 1977, 84.2: 191.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar.** Cadernos de atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

DA ROCHA, Adriene Fonseca et al. Intenção de engravidar e amamentação: revisão integrativa. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 2, p. 1-10, 2018.

DENNIS, Cindy-Lee; FAUX, Sandra. **Development and psychometric testing of the Breastfeeding Self-Efficacy Scale**. Research in nursing & health, 1999, 22.5: 399-409.

DODT, Regina Cláudia Melo., et al. **Psychometric assessment of the short form version of the Breastfeeding Self Efficacy Scale in a Brazilian sample**. J Nurs Educ Practice, 2012, 2.3: 66-73.

FREITAS, Amanda Pereira Barbosa et al. Abortamento espontâneo: vivência e significado em Psicologia

ISSN: 2447-6161

Hospitalar. **Revista Científica Semana Acadêmica**, v. 1, 2017.

LIMA, Ariana Passos Cavalcante; NASCIMENTO, Davi da Silva; MARTINS, Maísa Mônica Flores. **A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce: uma revisão integrativa.** Journal of Health & Biological Sciences, 2018, 6.2: 189-196.

MECUPA, Fátima Omar. **Prevalência do aleitamento materno exclusivo e factores associados em Moçambique: uma análise do inquérito nacional de saúde de 2015 (IMSIDA).** 2020. Tese de Doutorado. Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

MIRIONE, Feliciana Ernesto. **Factores determinantes para o aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida na área de Mavalane**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Eduardo Mondlane, 2015.

NUNES, Leandro Meirelles. **Importância do aleitamento materno na atualidade.** Boletim científico de pediatria. Porto Alegre. Vol. 4, n. 3 (dez. 2015), p. 55-58, 2015.

ORIÁ, Mônica Oliveira Batista; XIMENES, Lorena Barbosa. **Translation and cultural adaptation of the Breastfeeding Self-Efficacy Scale to Portuguese.** Acta Paulista de Enfermagem, 2010, 23.2: 230-238.

RAMIRO, Nathalia Cristina Machado Prado et al. Os benefícios do aleitamento materno na primeira hora de vida. **Global Clinical Research Journal**, v. 1, n. 1, p. e7-e7, 2021.

ROCHA, Isabela Silva, et al. Influência da autoconfiança materna sobre o aleitamento materno exclusivo aos seis meses de idade: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2018, 23: 3609-3619.

SARDINHA, Daniele Melo. et al. Promoção do aleitamento materno na assistência pré-natal pelo enfermeiro. **Revista de Enfermagem Ufpe Online**, Recife, v. 13, n. 3, p. 852-857, 2019.

UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND (UNICEF). **The State of the World's Children 2016: Executive Summary. A Fair Chance for Every Child.** UNICEF, 2016.

ISSN: 2447-6161

UNICEF. DIVISION OF COMMUNICATION. **Tracking progress on child and maternal nutrition: a survival and development priority.** Unicef, 2009.

VICTORA, Cesar G., et al. **Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos, e efeitos ao longo da vida.** Epidemiol Serv Saúde, 2016, 25.1: 1-24.

ISSN: 2447-6161